

O LAP^I COMO *LUGAR DE MEMÓRIA* DAS PRÁTICAS ESCOLARES E DE RECONSTRUÇÃO HISTÓRICA DA IDENTIDADE DO CURSO DE PEDAGOGIA

THE LAP AS *PLACE OF MEMORY* OF PRACTICE IN SCHOOL RECONSTRUCTION HISTÓRICA IDENTITY OF COURSE OF PEDAGOGIA

Maria Aparecida Leopoldino Tursi Toledo^{II}

Resumo:

O artigo refere-se ao resultado parcial da investigação que foi desenvolvida sobre o acervo do Laboratório de Apoio Pedagógico da Universidade Estadual de Maringá. Nos aspectos teóricos referencia-se em Pierre Nora (1993) e Jacques Le Goff (1996) para indicar como o LAP é compreendido como *lugar de memória* das práticas escolares. Ao teorizar sobre esse espaço institucionalizado, centra suas análises sobre o acervo de livros didáticos, especificamente os da área disciplinar de História. Encerra suas reflexões indicando que o LAP, por ter sob sua guarda livros escolares, informa como as práticas de leitura, de ensino e de aprendizagem sinalizam para uma forma socialmente produzida de socialização cultural; e, no que se refere ao acervo preservado, quais os conteúdos de ensino e os métodos de aprendizagem que são disponibilizados por intermédio das leituras e usos desses livros em tarefa como laboratório de apoio. Elementos que são explicados tendo como compreensão o movimento histórico em que, na modernidade, a escolarização dos saberes sociais se realizam por intermédio de diferentes locais no espaço escolar.

Palavras-chave: Laboratório de Apoio Pedagógico, práticas escolares, livro didático de História, lugares de memória.

Abstract

The article refers to the partial result of the research that is being developed on the achievements of laboratory support Pedagógico (LAP) of the State University of Maringá. In theoretical aspects indicates how the LAP is understood as a place of memory of the school practices, by theorize on the space institutionalized, has as basic reference Pierre Nora (1993) and Jacques Le Goff (1996) focuses its analysis on the body of textbooks specifically, the area of disciplinary history. Closed its thoughts indicating that the LAP, for school books under his guard, tells how the practices of reading, teaching and learning, developed them, a signal to socially produced cultural socialization; and, as regards the *acquis* preserved, which the contents of education and the methods of learning that are available through the Reading and uses these books in job as laboratory support. Elements that are explained with the understanding the movement history in which, in modernity, the education of the social learning take place through different locations in space school.

Keywords: laboratory education, school practices, textbooks history, place of memory.

INTRODUÇÃO

Pierre Nora (1993) ao problematizar a diferença entre história e memória, elabora a noção de *lugares de memória* para caracterizar espaços, livros, obras de arte, símbolos e congêneres que nascem e subsistem em locais públicos ou privados. Por essa via, arquivos, testamentos, museus, monumentos, santuários, comemorações, festas e tudo aquilo que é cercado pela prática eventual ou sistemática de um ritual é definido como locais onde a *memória social* se ancora. Os *lugares de memória* seriam, assim, espaços socialmente

produzidos para que as lembranças de determinados grupos sociais pudessem sobreviver ao tempo e, fundamentalmente, a um tempo (como é o nosso) em que tudo parece fugaz e efêmero. Essa preocupação com a fugacidade do tempo é tão central para o autor que ele afirma: “se ela [a memória] não estivesse ameaçada não se teria a necessidade de construí-los [os lugares de memória]”, ou seja,

Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que eles envolvem, eles seriam inúteis. E se, em compensação, a

história não se apoderasse deles para deformá-los, transformá-los, sová-los e petrificá-los eles não se tornariam lugares de memória. É este vai-e-vem que os constitui: momentos de história arrancados do movimento da história, mas que lhe são devolvidos (NORA, 1993, p. 7).

A preocupação que o historiador aponta em seus estudos sobre a memória é indicativa de como, na sociedade atual, o tempo passa a ser visto em constante mudança na relação que tradicionalmente se mantinha com o passado e a consciência – individual e coletiva – que se tinha dele. Ou seja, o tempo e o passado deixam de ser vistos como algo dado ou imutável para ser entendido como situados nas ações dos atores sociais.

Essas questões que envolvem o tema da memória social, por sua vez, estão diretamente vinculadas ao esforço de recuperação da memória pela história que se verifica atualmente, que a própria trajetória intelectual do autor, após a década de 1970, deixa entrever.

De 1978 a 1981 Nora promoveu um seminário na *École des Hautes Études en Sciences Sociales* (Paris) que reuniu nomes expressivos do cenário intelectual francês para refletir sobre as questões que envolvia história, memória e identidade, tendo como referência a memória e a identidade da França. Como já indicou Neves (2007), a proposta do estudo era tomar como tema o sentimento nacional francês, e fazê-lo através de alguns objetos – materiais ou imateriais – nos quais se houvesse cristalizado algo da memória nacional francesa. Das discussões originaram-se sete volumes, publicados entre 1984 e 1986 pela Editora Gallimard, que reúnem estudos sobre temas que vão da gastronomia francesa às festas comemorativas do 14 de Julho; do Dicionário Larousse às catedrais e campanários espalhados pelo país; da Torre Eiffel às grutas pré-históricas de Lascaux; de Joana D’Arc à Marseillaise.

Para Neves (2007), essa reflexão era oportuna, uma vez que os intelectuais franceses experimentavam a urgência de repensar o processo secular de construção da identidade nacional francesa e de sua contra-face, a memória da França como nação, diante das novas realidades políticas e culturais trazidas pela proposta da União Européia e dos novos desafios da globalização e do multiculturalismo.

Os esforços de Nora e seu grupo desaguaram positivamente nos debates sobre as identidades nacionais e a memória nacional uma vez que, após esses estudos, se chegou a conclusão de que as identidades são processos de construção, invenção e imposição que acontecem em uma dimensão político-cultural tanto prática quanto simbólica; que elas envolvem relações de tensão e de conflitos entre percepções divergentes, que redefinem fronteiras sociais, tendo à frente atores e instituições delineando configurações sobre o passado, de forma distintas no tempo e no espaço.

Ao por em evidência os *sentidos* da memória social – determinadas representações coletivas do passado nacional, seus heróis e cenários culturais – para os poderes públicos instituídos, Nora forjou a noção de *lugares de memória* que pôde ser apropriada por diferentes historiadores e cientistas sociais (além de outras áreas de conhecimento) para refletir sobre a relação história e memória em seu percurso histórico e melhor compreender os papéis das instituições sociais nessa guarda e preservação do passado.

Procurando pensar sobre as relações entre história e memória no campo educacional, este trabalho volta-se para a reflexão para a memória escolar. Por intermédio dos resultados da pesquisa *Conservando a memória das práticas escolares: inventário do acervo do Laboratório de Apoio Pedagógico da UEM* procura relacionar história e memória nos estudos acerca dos livros didáticos. Como resultado deste esforço reflexivo afirma que o Laboratório de Apoio Pedagógico (LAP) é um *lugar de memória*, conforme entende Nora (1993), por comportar a tríplice significação: ser *lugar material* onde a memória social se ancora e pode ser apreendida pelos sentidos; *lugar funcional* porque tem ou adquiriu a função de alicerçar memórias coletivas e *lugar simbólico* onde essa memória coletiva – que produz identidade – se expressa e se revela cotidianamente.

Esses aspectos que compõem a existência real e simbólica do LAP foram relacionados às práticas escolares historicamente desenvolvidas na sociedade contemporânea o que permitiu identificar no laboratório uma *biblioteca de livros didáticos*. Ou seja, idealizado em 1983 por meio do Projeto de Ensino intitulado *Implantação de um Laboratório de Didática e Prática de Ensino*, o LAP, que tinha por objetivo prestar serviços de

apoio a discentes e docentes do Curso de Pedagogia e demais Licenciaturas, visando “a melhoria da qualidade de ensino e aperfeiçoamento de métodos e processos de ensino” (PROCESSO n. 0831/85, vol. 1, fls 163), ampliou suas funções e finalidades nos anos subsequentes. Dentre as funções de empréstimos de livros, materiais didático-pedagógicos, de filmagens e projeção de vídeos, confecção de material pedagógico, realização de seminários e palestras; o LAP passou a exercer importante papel de mediador das práticas educativas que nele são desenvolvidas também pela guarda e preservação de livros didáticos.

Para melhor compreensão deste aspecto que envolve a vida do LAP, neste trabalho a análise realizada em torno da relação história e memória dos livros didáticos é articulada com as práticas escolares que em seu espaço físico são desenvolvidas no processo de formação para a docência. Por meio desses nexos relacionais se articulou os temas: história e memória; livros didáticos e ensino de História com o fim de indicar que a formação do acervo do LAP só pode ser compreendida na complexidade dessas relações e a composição dos livros didáticos de História no contexto de produção de suas edições e preservação em âmbito nacional.

MEMÓRIA E LIVRO ESCOLAR: ASPECTOS DA INVESTIGAÇÃO SOBRE A HISTÓRIA DO LIVRO DIDÁTICO

Chartier (2001), ao responder à indagação sobre o porquê de uma história do livro, da edição, da leitura e dos leitores, esclarece: “isto acontece em momentos em que os discursos mais comuns versam sobre a perda deste mundo de objetos: o livro impresso, ou das práticas, neste caso a leitura”. (2001, p.19). Ao que parece, é exatamente nesse princípio justificativo apontado por Chartier – da necessidade de *preservar* em função da *perda* já instituída – que é possível a interpretação de que os estudos históricos sobre os livros ligam-se, de alguma forma, com a *memória social*¹.

¹ Esse conceito se refere à indicação de Maurice Halbwachs (1990) de que a memória individual existe sempre a partir de uma memória coletiva, posto que todas as lembranças são constituídas no interior de um grupo.

Considerando a relação que a história estabelece com a memória, por sua vez, Le Goff, partindo das reflexões de Pierre Janet, considera que o *comportamento narrativo* – próprio da produção de saberes históricos – é “o ato mneomônico” fundamental que caracteriza a memória pela sua função social. Segundo Le Goff, é a comunicação a outrem de uma informação, na ausência do acontecimento ou do objeto *in loco*, que constitui a sua motivação. Para o autor, no ato de preservar a informação, é a *linguagem* que faz relações com a memória:

[...] a utilização de uma linguagem falada, depois escrita, é de fato uma extensão fundamental das possibilidades de armazenamento da nossa memória que, graças a isso, pode sair dos limites físicos do nosso corpo para estar interposta, quer nos outros, quer nas bibliotecas”. (Le Goff, 1996, p. 425).

É nesse sentido que se entende que as bibliotecas são locais de memória e preservam a memória social. Como mostra os exemplos citados por Burke (2005, p.87 a 90), em uma cultura impregnada pelas escrituras, portanto pelos livros, as memórias coletivas ou individuais são eivadas ou moldadas por outras histórias particulares ou de grupos, que ficam no registro da memória social. Esses seriam alguns indicativos dos efeitos dos livros na sociedade escrita no que se refere à memória social, embora Burke sinalize também que a memória não seja transmitida ou moldada apenas pela leitura, mas também pelas experiências vividas e pelas representações que tais escritos podem gerar entre os letrados.

Os estudos sobre a história do livro, quando se apropriam do conceito de memória social, mostram que na trama dos usos que dele se faz – das mudanças na literatura, nas técnicas de impressão e nas leituras, nas estratégias mercadológicas dos editores, na circulação das idéias entre países, nas traduções, na linguagem e na narrativa, entre outros possíveis nexos – é que se processa correlacionadamente a vida do livro escolar.

Nesse sentido, o livro didático é entendido como um gênero específico, mas com toda complexidade histórica e social que envolve a vida de qualquer outro gênero literário. Por fim, se considerarmos que o livro escolar ocupou e tem

ainda ocupado um lugar especificamente privilegiado no amplo processo histórico e cultural da formação escolar dos sujeitos sociais, isso é que faz dele, isoladamente ou no conjunto de um acervo, *objeto de memória*.

Pelo estudo dos conteúdos dos livros de leitura do século XIX, conforme apontou (Choppin, 2004), chegou-se a uma primeira observação de ordem geral sobre o caráter nacional da literatura escolar: o livro de leitura é um símbolo de soberania nacional. Seus estudos sinalizam para o fato de que existe uma memória social instituída e preservada nas práticas escolares cuja expressão mais acabada é o caso do ensino de História e dos livros de História Pátria.

No que se refere à disciplina de História, as relações que se podem estabelecer entre livro didático e memória ganham um sentido esclarecedor no caso dos países que firmaram sua independência política no decorrer do século XIX. (MATOS, 1998; MAGALHÃES, 1988; MATTOS, 2000). No processo de afirmação dos países independentes no século XIX – como foi o caso do Brasil – a história pátria escrita à época vinculou-se à memória da nação cujo fim era criar, como se sabe, uma *identidade nacional* que ficou registrada nos livros didáticos do período. Por intermédio desses livros uma memória dos acontecimentos históricos foi construída e ainda hoje persiste nos espaços de leitura, escrita e atividades do ensino por meio dos livros escolares, ensejando ou recriando memórias consagradas sobre temas da vida social, política e cultural da sociedade brasileira.

Compreender que os livros didáticos são vestígios da memória social permite entendê-los como *obras de memória* e que os espaços que preservam esse gênero são, pois, *lugares de memória*, das práticas e usos desses livros que se fazem individual e coletivamente. É nesse sentido que se entende ser possível compreender mais largamente a relação entre livro e memória no espaço do LAP.

Para isso se considera proveitoso distinguir as possíveis diferenças entre a vida de um livro que compõe uma biblioteca de livros didáticos e o livro didático isoladamente nos estudos sobre a memória.

Choppin (2004, p.55), ao referir-se sobre a análise científica dos livros didáticos permite considerar que o livro ao ser tomado isoladamente como *objeto de estudo* percorre certa via para apresentar-se como memória, embora seja vestígio

do passado. Isso porque, o pesquisador, por se preocupar mais detidamente com a análise do livro em suas características internas, com seus conteúdos, em geral o faz independente da preocupação em evidenciar suas principais características de trajetórias originárias. Ou seja, ele não necessita questionar, por exemplo, onde se localizava/localiza no âmbito nacional, quais os usos que dele se fizeram ou qual o acervo que o preservou e os possíveis motivos de sua guarda.

Na perspectiva de vê-lo como *objeto de memória*, por sua vez, o livro pode ser visto correlacionadamente com as informações associadas pela preservação da memória, do patrimônio nacional, ou seja, com os lugares onde estas obras de memória estão preservadas. Por essa via, abrem-se novas perspectivas analíticas e compreensão da dinâmica dessa produção de memória por meio da história do livro que se está analisando. Isso pode permitir que outras incursões reflexivas mais específicas (cotidianas, práticas, quantitativas, etc.) tenham seus resultados interrelacionados com os estudos de caráter mais geral.

Na segunda perspectiva de análise, em que o livro didático é analisado no contexto de um acervo, os aspectos da relação livro e memória são redefinidos em suas dimensões enquanto objeto de memória quando se fez referência aos livros didáticos de História. No acervo ele está situado no centro da relação entre a criação, elaboração e as possibilidades de sua utilização num processo formativo sistematizado. Além disso, acompanhado também pela sua vida no acervo, ele é capaz de medir melhor seus usos ou resistências e indicar as possíveis penetrações nas práticas educativas locais.

Por isso entende-se não ser mais suficiente deter-se nas questões que se referem os autores ou livros didáticos de forma isolada, desconsiderando sua origem e trajeto. É necessário também prestar atenção àquilo que dá forma à literatura escolar em seu contexto social e cultural, mas também dos lugares – as bibliotecas – e, portanto, considerar de forma sistemática o conjunto de parâmetros que influenciam sua existência e preservação, seja por intermédio do Estado, seja pela iniciativa de instituições diversas ou de atores/autores envolvidos com a prática de leitura.

O LIVRO DIDÁTICO COMO MEMÓRIA DAS PRÁTICAS ESCOLARES: O CASO DO ACERVO DO LABORATÓRIO DE APOIO PEDAGÓGICO DA UEM

A experiência com o acervo do Laboratório de Apoio Pedagógico/UEM (LAP) mostrou com muita precisão o que Darnton (1990, p.130) já havia anunciado sobre a vida dos livros. Segundo ele, os livros, quando tratados como objeto de estudo se recusam a ficar “confinados dentro dos limites de uma única disciplina”. No LAP, História, Geografia, Estudos Sociais, Religião, Moral e Civismo, Artes, se misturam de tal forma que, qualquer descrição do conjunto dos volumes por título, ganha fortes tendências a afirmações apressadas. Isso permite confirmar a afirmação já feita de que é muito difícil escrever sobre um acervo, já que seu cotidiano produziu usos e significações diferentes para ele. O caso do LAP não é diferente.

Embora sua criação tenha uma data certa, 1984, datar com precisão as obras que compõem inicialmente seu acervo é uma tarefa muito difícil. Como em geral ocorre com esse tipo de acervo, não existem registros que permitam afirmar qual a origem e o destino dos diferentes exemplares e como vieram parar na estante para uso dos acadêmicos antes e atualmente. A circulação dessas obras – e de outros que possivelmente já fizeram parte de seu acervo – seus descartes e manutenção, bem como seu alcance na formação dos acadêmicos dos cursos de licenciatura também é outra face ainda desconhecida.

No entanto, dentre as variações, é possível afirmar que o acervo do LAP foi inicialmente constituído por doações, o que ocorre ainda hoje. Ao que parece, esse dado é bastante significativo, afinal, por que as pessoas e as editoras doam livros? Somente a sua compreensão como um espaço de relações permite responder a indagações tão pontuais como essa.

Quando Chartier (1993, 2004) vai aprofundando suas análises sobre a história dos livros destaca três pólos que definem, a seu ver, uma história do livro: a análise dos textos, a partir de suas estruturas e objetivos; a história do livro, com todas as formas que toma o escrito; e o estudo das diferentes práticas associadas a esses objetos ou de suas formas produzindo usos e significações diferenciadas.

Ao situar este estudo em um desses aspectos apontado por Chartier (1993), entende-se que é

nesse último que se consegue tecer uma história do acervo do LAP, embora não se faça uma análise satisfatória desconsiderando as outras dimensões que participam do processo de configuração histórica das obras. Alias, são as ações de um processo complexo, que envolve relações diversas da realidade sócio-histórica, que limitam, restringem e condicionam a existência do acervo. Tal acervo mostrou-se, portanto, marcado por sua historicidade, de suas condições e possibilidades de existência.

O acervo de livro escolar do LAP define-se, fundamentalmente, por caracterizar a vida do livro didático numa multiplicidade de funções: ele coexiste, sobretudo, com outros suportes educativos e com a diversidade de agentes que ele envolve. Os diferentes materiais didáticos fazem parte do universo dos suportes didático-pedagógicos (audiovisuais, *CD-Rom*, etc.) que, em tais situações, fazem com que o livro didático não tenha existência isolada, mas torna-se um elemento constitutivo do aparato didático-pedagógico naquele espaço instituído. Talvez seja esse caráter que justifique a inicial forma de composição do acervo de livros didáticos do LAP: por doações. Doações (feitas pelo próprio grupo de professores pertencentes ao quadro do Departamento de Educação na época) para o exercício da prática de ensino de um departamento responsável pela formação de professores e pedagogos da universidade.

Se o LAP foi organizado pensando em oferecer suporte didático-metodológico aos acadêmicos dos cursos de licenciatura da UEM, inclusive professores da rede pública, as doações podem ser interpretadas como a intenção de promover condições para que a prática pedagógica orientada se realizasse e, no que se refere às doações por parte das editoras, um espaço de ação publicitária para o conhecimento de suas edições. Ou seja, os livros deveriam auxiliar na prática de preparar o exercício e/ou refletir sobre o ensinar e o que ensinar. Nesse aspecto, o impresso desempenhou no acervo do LAP um papel fundamental na idealização de um espaço para as práticas escolares nos cursos de formação de professores.

É esse caráter de um acervo didático-pedagógico que define, em uma análise pontual, a relação livro didático e memória no LAP, pois, como mostrou Choppin:

[...] é preciso levar em conta a multiplicidade dos agentes envolvidos em cada uma das etapas que marca a vida de um livro escolar, desde sua concepção pelo autor até seu descarte pelo professor e, idealmente, sua conservação para as futuras gerações. **A concepção de um livro didático inscreve-se em um ambiente pedagógico específico e em um contexto regulador que, juntamente com o desenvolvimento dos sistemas nacionais ou regionais, é, na maioria das vezes, característico das produções escolares.** (CHOPPIN, 2004, p.553, grifo meu):

No exercício de análise do acervo essa prerrogativa norteou a reflexão sobre os livros didáticos do Laboratório. Nessa abordagem, os livros de História preservados no local tornam possível a análise pelo menos em dois aspectos: de um lado, pelos conteúdos curriculares que foram, em algum momento específico, elaborados por seu intermédio e que até hoje mantém suas temáticas e abordagens; e de outro, numa tentativa mais abrangente, como a que se pretendeu aqui, tecer um quadro geral de como, por meio dos lugares ou bibliotecas específicas, tem-se ligado história e memória no ensino de História na realidade escolar brasileira^{II}.

Do universo de livros escolares existente até o ano de 2007 no LAP selecionaram-se as coleções didáticas de História, ficando para outra oportunidade os demais gêneros (paradidáticos e avulsos); procedeu-se a separação em quatro classificações: por período; editora; autor e títulos. Os dados apresentados a seguir dizem respeito a esse trabalho que, para os fins deste artigo, priorizou a análise da totalidade – cerca de 230 volumes – do conjunto de livros catalogados como livros de História.

Tabela 1: Período

Período	Quantidade (coleção/título)	%
1970	03	05,66
1980	17	32,07

^{II} A exemplo de países como Inglaterra, França e Portugal, o Brasil tem organizado acervos específicos de livros didáticos, como é o caso, por exemplo, da Biblioteca de Livros Didáticos da Faculdade de Educação da USP.
<http://www2.fe.usp.br/estrutura/livres/index.htm>

1990	18	33,96
2000	08	15,09
Sem data	07	13,21
Total	53	100%

Fonte: Toledo, 2007

Tabela 2: Editora

Editora	Total
Editora do Brasil	09
Ao livro Técnico	02
Editora FTD	14
Saraiva	08
Cia.Ed. Nacional	03
Atica	12
Editora IBEP	01 exemplar
Moderna	05
Modulo Editora	01 exemplar
Scipione	12
Editar	01 exemplar
Editora Alves	01 exemplar
Nova Geração	01
Atual	01
Liberato	01

Fonte: Toledo, 2007

Tabela 3: Autor

Autor	Total
MOCELLIN, Renato	3
PEDRO, Antonio	1
MORENI, Maria e STRACCIA, Carlos	1
AQUINO, Rubim Santos Leão de	2
NADAI, Elza e NEVES, Joana	2
SARONI, Fernando e DARÓS, Vital	1
SARONI, Fernando	1
DARÓS, Vital	1
ARAUJO, Antoracy Tortorelo	3
ALENCAR, Álvaro Duarte de	1
LUCCI, Elian	2
GONZAGA, Esaú	1
BELLUCI, Boni	3
SOUZA, Osvaldo Rodrigues de	2
PROENÇA, Antonio Carlos e LAGO, Samuel Ramos	1
SANTOS, Maria Januária Vilela	2
RAMOS, Luciano	1
PILETTI, Nelson; PILETTI, Claudio	2
SILVA, Francisco de Assis	2
HERMIDA, Borges	1
MEDEIROS, Daniel e CORDIOLLI, Marcos	1
MATTOS, Hamilton Gonçalves	1
COTRIM, Gilberto	2
VICENTINO, Claudio	2

NEME, Ana Lucia Lana e MARTINS, João Carlos	2
OLIVEIRA, Emmanue Cavalcante de	1
SOUZA, Ari Herculano de	1
CASTRO, Tafs de	1
MOZER, Sonia e TELLES, Vera	1
OLIVEIRA, Maria da Conceição Carneiro	1
SCHMIDT, Dora	1
MARSICO, Maria Teresa, CUNHA, Maria do Carmos Tavares da, ANTUNES, Maria Elisabete Martins e NETO, Armando Coelho de Carvalho	1
SOURIENT, Lílían; RUDEK, Roseni; CAMARGO, Rosiane	1
SCHMIDT, Mario	1
DREGUER, Ricardo e MARCONI, Cassia	1
COLL, César e TEBEROSKY, Ana	1
SCHMIDT, Maria Auxiliadora M. dos Santos	1
FERNANDES, Jane Gasparotto e SALVADORI, Maria Ângela Borges	1
TOTAL	53

Fonte: Toledo, 2007

Tabela 04: Títulos

Título	Quantidade
História das Civilizações	1 – coleção
História do Brasil	10 – coleções
História Geral	3 – coleções
Historia e Geografia	04 – coleções
História	3 – coleções
Temáticas	17 – títulos
TOTAL	230 livros

Fonte: Toledo, 2007

Sobre as coleções de livros didáticos de História é possível afirmar que o número de exemplares de livros didáticos preservados no LAP perfaz um total de 53 títulos que correspondem, em sua maioria, a Coleções (completas e incompletas) e Títulos avulsos^{III}. Desse total, um primeiro aspecto a ser observado é que o acervo preserva maior quantidade de exemplares da década de 1990 e 1980, respectivamente, sendo raros os exemplares da década de 1970 e anterior (05,66%). Boa parte dos exemplares não indica data de publicação (13,21%). Percebe-se também uma crescente

^{III} Não foram computadas nesse montante os paradidáticos e afins.

aquisição de coleções atuais para as séries iniciais do ensino fundamental (15,09%).

Do acervo, o maior número de livros (década de 1980-90) está representado pelas editoras: FTD; *Scipione*; Editora do Brasil; Ática; Saraiva. As mais antigas estão representadas pela Companhia Nacional; Ao Livro Técnico; Editora IBEP; Francisco Alves. Sendo que a FTD é a que mais está representada até 2007.

O maior número de livros também se refere aos dirigidos para o ensino fundamental – antigo 1º grau, 5ª a 8ª série. Nesse caso, a hipótese é de que os livros correspondentes ao ensino de História para as séries iniciais do ensino fundamental estão catalogados junto à disciplina de Estudos Sociais, respondendo ao próprio histórico da disciplina que se estabeleceu entre as décadas de 1960 e 1980 no Brasil.

Considerando os trabalhos sobre a História da Disciplina feitos no Brasil nos últimos anos, principalmente aqueles que se dedicaram ao período de 1970 a 1990 (GATTI JUNIOR, 2004), entende-se que o acervo de livro de História do LAP vai se configurando com as obras que, nesse período – e sobre as suas condições sócio-históricas – se efetivaram em meio às mudanças nas diversas coleções e obras didáticas dessa área disciplinar. Mudanças que, consideradas as condições conjunturais do Brasil na época, foram assim descritas por Gatti Junior (2004, p.19):

[...] a passagem de uma abordagem eminentemente política e oficializada, presente na maior parte das coleções didáticas da década de 1960 (com permanência em alguns textos até a década de 1990), para a influência de uma historiografia de base econômica nas décadas de 1970 e 1980 (com maior frequência nas coleções voltadas para o ensino médio) e o ingresso de temáticas ligadas à História Cultural durante a década de 1990.

O acervo de livro didático de História do LAP, ao preservar maior número de exemplares de obras didáticas produzidas ou reeditadas nas décadas de 1980 e 1990 – sendo elas destinadas ao nível fundamental e médio – revela-se recente e com obras que marcaram a historicidade da disciplina naquele momento^{IV}. Assim, os títulos

^{IV} A única coleção conservada que origina-se de uma produção mais antiga é : Histórias da nossa História,

de grandes temas como História das Civilizações, geralmente subdividida em História Antiga, Média, Moderna e Contemporânea, vão sendo superados por temas de História Geral e de coleções com o título: História e Geografia^V.

Outro aspecto a ser considerado especificamente é o fato de que, no decorrer dos anos 2005-2007, em função de seu estreito espaço físico o LAP veio selecionando suas obras e definindo suas prioridades, o que pode ter definido também a manutenção do maior número de livros de História do Brasil, como se verifica na tabela 04.

Examinando os exemplares das coleções didáticas em seus temas e títulos, pode-se constatar que a ampliação do uso do livro como recurso didático indispensável para a escola brasileira, verificada nos anos de 1960, foi seguida de um significativo aumento quantitativo e qualitativo da produção editorial, a partir dos anos de 1970. Nesse aspecto, considerando o volume de autores que aparecem nesse período, é possível afirmar que no LAP encontra-se uma pequena representação de obras didáticas do período. Preserva, no entanto, obras de autores que marcaram a história do livro didático desta disciplina escolar no Brasil como, por exemplo, Borges Hermida, Antonio Carlos Proença, Vital Darós, Antonio Pedro, Elza Nadai e Joana Neves, Fernando Saroni, Rubem Santos Leão de Aquino.

O acervo de livros didáticos de História do LAP apresenta a tendência em aumentar seu volume de exemplares adquirindo coleções para as séries iniciais do ensino fundamental. Essas coleções situam-se na vanguarda do ensino temático e nas tendências curriculares atuais (PCNs) que marcaram o debate em torno do ensino de História e do livro didático estabelecido no final dos anos de 1990^{VI} e atingem os currículos dos cursos de formação de professores do país.

Por fim, pode-se afirmar que no LAP os livros didáticos têm exercido as quatro funções essenciais indicadas por Choppin (2004), 1. função referencial; 2. instrumental; 3. ideológica e

cultural; 4. documental, cuja ênfase recai sobre uma das funções a depender da orientação de seus coordenadores e dos contextos sócio-culturais em que estão inseridos.

Pode-se, enfim, anunciar que, os livros de História preservados no LAP se traduzem numa pequena, mas também representativa amostra das práticas educativas que marcaram a vida escolar nacional entre as décadas de 1970 a 2000. No decorrer desse período observa-se um quadro de acontecimentos que mostra ser fundamental revitalizar os estudos históricos sobre essas obras sinalizando para a sua importância na formação dos quadros professorais no Brasil; e, ao mesmo tempo, que a ordenação de acervos de livros didáticos deve ser enfrentada pelas instituições que formam professores, pois fazem parte da história do ensino no país e certamente devem ser preservados nos diferentes lugares de memória da sociedade brasileira^{VII}.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho encontra-se parte dos resultados da pesquisa desenvolvida sobre o acervo do Laboratório de Apoio Pedagógico da UEM. Nele, o LAP não é entendido como um *lugar de memória* apenas por seu espaço físico conter livros, materiais e objetos escolares que compuseram a história do ensino no Brasil no século XX. Ele também traz potencialidades na eventual busca pela reconstrução da história da instituição ou da busca da identidade de um grupo que representava o curso de Pedagogia nos idos de sua criação, década de 1980. E mais, para além desse aspecto, o LAP é, sobretudo, entendido como lugar de memória de práticas escolares nascentes com o processo de escolarização dos saberes sociais no século XVIII europeu.

Isso porque, a sua formação histórica dificilmente pode ser dissociada do processo histórico que marca, na modernidade, o advento da escolarização que definiu a escola pública como um projeto nacional e criou uma maneira singular de educar as novas almas para vida em sociedade; configuração que Vicent e Lahire (1994) chamaram de *forma escolar*. Ou seja, os

escrita por Rozendo Sampaio Garcia e José Pimentel Pinto, editada pelo Editora do Brasil, s/d, em 6 volumes com as seqüências do período Colonial, Imperial, Republicano (ver anexo)

^V Para um melhor entendimento dos motivos históricos dessa mudança ver: Toledo, (2005)

^{VI} Sobre isso ver: Toledo (2001; 2007).

^{VII} A maior parte dos livros didáticos de História que estão preservados no LAP também consta do LIVRES (Banco de Dados de Livros Escolares Brasileiros 1810-2005).

Site:

<http://www2.fe.usp.br/estrutura/livres/index.htm>

objetivos e finalidades com que nasceu o LAP ligam-se a uma rede de dispositivos e normas que definiram por muito tempo a produção pedagógica singularmente destina ao ensino fundamental e que ainda hoje sobrevive por estar materializada nesses espaços. Em poucas palavras: os objetivos de melhoria da qualidade do ensino e aperfeiçoamento de seus métodos e processos de ensino; bem como a finalidade de filmagens de palestras e vídeos educativos, empréstimos de livros, materiais didático-pedagógicos e fontes filmística, projeção de vídeos para auxílio nas aulas, confecção de material pedagógico pelos e para os acadêmicos, realização de seminários e palestras para os alunos e professores da rede pública, etc., anunciados como suas tarefas, articulam-se numa intrincada tarefa de ações a serem desenvolvidas pelos diversos agentes que, de maneira concreta, histórica, estão associados ao *modelo escolar* predominante na contemporaneidade.

No desdobramento dessa reflexão encontra-se a interpretação de que o LAP tem um estatuto de *lugar funcional*, porque tem ou adquiriu, em sua trajetória, a função de alicerçar esse modelo escolar que não lhe é singular, mas sócio-cultural. Modelo que é dispositivo constituinte da *forma escolar* que deu/dá ao LAP, no conjunto dos espaços institucionais, um caráter específico na formação profissional do pedagogo: a produção de um lugar por meio do qual se deve discutir, entre outros assuntos, o espaço-tempo escolar; as características de um corpo de profissionais para a atuação de professores e o exercício de experimentação de uma prática instituída para finalidades específicas: as de ensinar.

Dessa maneira é que se entende que o LAP, longe de ser um espaço espontâneo ou que naturalmente compõe um departamento na universidade, é uma construção histórica. Como tal seu espaço não é somente físico e estrutural, mas também representativo de uma memória social produzida. É, enfim, um *lugar simbólico*. Por isso, reafirma-se, o interesse em seu estudo vem, exatamente, de seu valor como *lugar de memória das práticas escolares* que, ao ser indagado, revela processos sociais amplos, por isso o LAP tornou-se aqui um objeto de investigação histórica.

Para sua apresentação fez-se um recorte temático privilegiando a história da disciplina escolar História, na medida em que procura discutir o papel do LAP como um espaço

institucionalizado que têm sob sua guarda esses livros didáticos.

No que se refere aos estudos sobre os livros didáticos – livros escolares por excelência – indicou-se que as novas abordagens têm contribuído, sobretudo, para ampliar a compreensão do papel histórico e social dos manuais e compêndios escolares, identificando seus usos didáticos e metodológicos nas práticas de ensino. Ao mesmo tempo, indica pistas para padrões sociais e culturais comuns entre gerações, ao longo do tempo, por meio da preservação de determinada memória social e institucional.

Atualmente é perceptível o crescente interesse pelos discursos textuais e iconográficos dos livros didáticos e, fundamentalmente, quando privilegiam a análise de temas e documentos neles presentes, a procura por encontrar os motivos de suas produções, difusões, usos escolar e preservação (CHOPPIN, 2004). Os Centros de Memória da Educação, como indicam os autores que se debruçam sobre a questão da cultura escolar, têm um apreço singular pelos livros escolares. Como *locais* onde as práticas de leitura, de ensino e de aprendizagem se desenvolvem, eles sinalizam para uma forma socialmente produzida de socialização cultural que se realiza ou que guardam objetos que em algum momento fez parte dessas práticas; e, no que se refere ao acervo preservado, quais os conteúdos de ensino e os métodos de aprendizagem que são/foram disponibilizados por intermédio das leituras e usos desses livros.

Por outro lado e, mais especificamente, a análise do livro escolar que contém esses acervos tem sido realizada em diferentes aspectos: seus conteúdos, processos de produção editorial, os motivos que levaram a manutenção desses espaços bem como os usos que os agentes fazem do livro didático *objeto de memória*. É exatamente esse caráter de *objeto de memória* que justifica o crescente interesse pela pesquisa sobre as edições didáticas que se verifica na atualidade em países como a França, Espanha, Portugal, bem como no Brasil.

Nesse sentido, o trabalho com a memória das práticas escolares presente no LAP definiu-se por verificar no acervo de livros didáticos de História, a memória do ensino escolar desse campo disciplinar. É por intermédio desse diálogo que se pode compreender melhor como o livro didático se faz memória do ensino escolar e em que

medida no LAP se encontra uma *biblioteca de livro didático*.

Encerra-se essas preliminares considerações indicando que as instituições públicas, como é o caso da UEM, devem manter os acervos de livros didáticos e oferecer a informação mais completa e precisa sobre o exemplar que está sob sua guarda para que ocorra a diminuição das dificuldades vivenciadas pelos pesquisadores no que se refere ao acesso a esse tipo de fonte. É apenas nesse sentido que se poderá ampliar o sentido da preservação do patrimônio cultural e, ao mesmo tempo, contribuir para com a conservação das fontes para o estudo da história do ensino escolar no Brasil.

REFERÊNCIAS

- BITTENCOURT, Circe Maria. **Livro didático e conhecimento histórico**: uma história do saber escolar. 1993. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.
- BURKE, Peter. **Variedades de história cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- CHARTIER, Anne-Marie, HERBRARD, Jean. **Discursos sobre a leitura (1880-1980)**. São Paulo: Ática, 1995
- CHARTIER, Roger. **Libros, lecturas y lectores em la Edad Moderna**. Madrid: Alianza Editorial, 1993.
- _____. **Leituras e leitores na França do Antigo Regime**. Tradução Álvaro Lorencini. São Paulo: UNESP, 2004.
- CHOPPIN, Alain. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, vol.30, n.3, set./dez., 2004, p.549-566.
- DARNTON, Robert. O que é a História dos Livros?. In.: DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução**. São Paulo: companhia das Letras, 1990.
- GOODSON, Ivor. Por qué estudiar ls disciplinas escolares? In.: **Historia del currículo – la construccion social de las disciplinas escolares**. Ediciones Pomares-Corredor. Barcelona, 1998.
- GATTI Junior, Décio. **A escrita escolar da História**: livro didático e ensino no Brasil (1970-1990). Bauru, SP: Edusc, 2004.
- HALBWACHS, Michel. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.
- MAGALHAES, Manuel Luis Salgado. Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, n.1 Cpdoc/FVG, 1988, p.5-27.
- MATOS, Sérgio Campos. **Historiografia e memória nacional – 1846-1898**. Lisboa: Edições Colibri, 1998.
- MATTOS, Selam Rinaldi. **O Brasil em lições**: a história como disciplina escolar em Joaquim Manoel de Macedo. Rio de Janeiro: Access, 2000.
- NEVES, Margarida de Souza. “**Lugares de Memória da Medicina no Brasil**”. In.: <http://www.historiaecultura.pro.br/cienciaepreconceito/frame.htm> (08/12/2007).
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo: EDUC, n.10, dezembro, 1993, p.07-29.
- POLLAK, (1992) Memória e identidade social. **Estudos Históricos: Teoria e História**, Rio de Janeiro, v.5, n.10, 1992
- TOLEDO, Maria A. Leopoldino Tursi. Pensar a história, repensar seu ensino. Processo 636/2000. **Relatório de Pesquisa**. Maringá: UEM, 2001.
- _____. **A Disciplina de História no Paraná**: os compêndios de História e a História ensinada (1876-1905). Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Estudos Pós Graduados em Educação: História, Política, Sociedade, São Paulo, 2005.
- _____. Conservando a memória das práticas escolares. **Relatório de Atividades de Pesquisa**. Maringá: UEM, 2007.
- UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ. Processo n.0831/85. **Projeto de Ensino: Laboratório de Apoio Pedagógico**. Maringá, UEM/DTP, 1985.
- VICENT, Guy. et all. Sur l' histoire et la théorie de la forme scolaire. In.: **L' éducation prisonnière de la forme scolaire?** Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 1994.

Recebido:10/09/2009

Aceito:10/03/2010

Endereço para correspondência: e-mail- maria.leopoldino@hotmail.com